

EDUCAÇÃO POÉTICA E OUTROS POEMAS

Venus Brasileira Couy

EDUCAÇÃO POÉTICA

Matei aula ontem na faculdade
bem no dia em que o professor de teoria literária
[ia falar de Agamben,
fiquei sem saber o que é o contemporâneo,
os botões do lírio amarelo
que trouxe do supermercado no dia dos namorados
não floresceram,
conversei com cada um deles e me disseram
[que não há por quê.

Peço pouco ao poema, que me agradece por isso,
“meus versos não vão mudar o mundo”
e nem pretendem fazer o percurso de volta,
eles caminham como os quinze elefantes na China
que o texto de Luana Chnaiderman e a TV mostraram
e seguem adiante.

Não é preciso fazer poemas ao caranguejo
ou às árvores secas,
um poema pode morrer
ou simplesmente deitar-se ao sol às dez da manhã.

Fico aflita se a água do chá não ferve tão rapidamente,
se deixo as chaves caírem,
se você faz barulho
ou não chega no horário de sempre.

O poema não traz o ritmo do Piseiro,
tampouco as palavras que grudam na língua,
e escreve a dor do menino marroquino
que atravessou o mar com garrafas pet
[amarradas ao corpo,
o sonho com o lado de lá boia em plástico
e grita o desespero do jovem Hassan.
A educação poética pode vir da travessia,
da água salobra,
dos muros,
de uma tarde de amor,
da Costa do Marfim
ou de uma farmácia na Califórnia.

No desassossego do dia,
o negativo brilha
e você ainda me cobre todas as noites.

O poema sorri como o pescador de lagostas
[Michael Packard,
que sobreviveu após ter sido engolido por uma baleia
[jubarte a 200 km de Boston
e agora faz o sinal de joia com os polegares
[sobre a cama do hospital,
trinta segundos foi o tempo em que ele ficou lá dentro,
[no escuro daquela boca,
e depois foi cuspidor.

Não tenho professor de matemática
e sim de Poesia,
que costura a revolta dos versos
entre o movimento das mãos,
o professor diz que quem perdeu muito
[vai escrever poesia,
o discurso do triunfo vem servido em bandejas de prata,
o poema fracassa e a tarde está míope.
O apê em Botafogo é do tamanho do mundo
e não estamos sós.

NÔMADE

Manuel Puig escrevia imitando as tias,
as vozes das tias vibravam nas páginas dos livros,
de uma cidade a outra, estrangeiro e exilado,
Puig dizia ter sido feliz nos anos em que viveu
[no Rio de Janeiro,
como ficou mesmo a história do pedreiro Josemar
onhecido como Chefão,
que abandonou a namorada após a primeira noite
[de amor e enlouqueceu?:
“Onde é que a gente vai? Como vai ser essa dor?
[Eu não sei como é”.

Um poeta escreveu para beberrões
que olhavam a si mesmos no fundo da garrafa,
eu escrevo para corvos e morcegos
e também para portas fechadas.
A quem devo imitar
quando acordo o verso bem-disposto?
Tenho um irmão gêmeo que corre 10 km
[todas as manhãs
e tias que me enviam grandes rosas vermelhas
[e correntes de orações,
é preciso encontrar a potência do poema
no rosto que se afasta do espelho.

“Gosto de te ver boiando”,
“Você já boiou no Mar Morto?”

[– a voz salta da piscina azul.

Levarei, baby, a revista para ler boiando no Mar Morto,
depois tiraremos fotos para exibir no Instagram,
a Wikipédia diz que “a concentração de sódio

[no Mar Morto é dez vezes maior
que a dos outros oceanos, não há vida no Mar Morto,

[a não ser para as algas e arqueobactérias
[que sobrevivem naquelas águas”,

os estribilhos se banharão de sal e de lama
e se alegrarão no meio da tarde
jogando água uns nos outros.

Entre Israel e a Jordânia
ou nas bordas da piscina azul,
o poema caminhará nômade,
não é preciso mais viver entre dois parênteses.

Sobre a pele flácida dos versos,
reconheci a palavra certa
e deixei-a passar.

Uma moça se explode numa padaria
[do outro lado do mundo,
Aqui, a caçada a Lázaro Barbosa
[em Cocalzinho de Goiás já dura dezessete dias,
é a sensação da TV, que mostra a história
[do dito serial killer do Distrito Federal,
250 policiais, 10 helicópteros e 7 cães farejadores
[se mobilizam todos os dias
para caçar o homem que se transformou em presa.
É tarde agora
e não dá para viver da caridade alheia.
O vento empurra o vidro da janela,
o poema tosse e espirra
e salta 13,5 metros
antes de cair.

“Que tempos são estes”, Adrienne Rich?
a Segunda Guerra Mundial ainda dói,
a Guerra do Vietnã ainda dói,
a pobreza e a fome doem todos os dias,
a pandemia não é um doublet,
a língua do opressor continuará possivelmente
[a ser a língua do opressor,
a mãe de Inês não a ensinou romeno,
mas há outras línguas, várias e vivas,
que nem sequer sabemos os nomes
ou como se pronunciam as vogais.
Não me agrada a ideia de queimar livros,
a leitura não me oprime,
abro um livro como quem dança junto pela primeira vez.

RELÓGIO

Entardece no Santo Antônio,
os cães fazem festa no fim do dia,
a luz da tarde é o tijolo chegando,
o palhaço puxa as crianças para o pátio
e faz meninas e meninos imberbes gargalharem
e esquecerem dos maus-tratos.

Às seis e cinquenta e cinco da manhã
a maçaneta da porta interpela o poema:
de onde vem,
para onde vai?
Nada tenho a dizer e este é o poema
que fica a trinta metros daqui,
é preciso ainda fazer uma curva
e virar
e andar mais um pouco
e talvez correr até a próxima esquina
para alcançar a letra que tropeça e
se ergue.

O que é a flor de Chicória para Agi Mishol?
O que é o cacto para Bandeira,
a cana de açúcar para Cabral,
a pedra para Drummond?
A vida vegetal e mineral bebe os versos volúveis.

Um especialista disse que se o poema tiver policial,
[costureira
ou arqueólogo ficaria bom,
este não tem nenhum dos três
e sim uma dona de casa que dobra os edredons
[todas as manhãs
e ao meio-dia desenha com a grafia torta
versos no vapor do box.

São nove e vinte e cinco da manhã,
como de costume o homem da kombi chega:
“Leva ovos graúdos, ovos selecionados,
leva,
diretamente da granja,
leva,
leva o pacotão de alho roxo,
leva,
alho e ovos,
ovos e alho,
é dez reais,
dez reais, leva,
são ovos selecionados,
leva”.

Alguém sai de casa,
alguém volta para casa,

calma, ainda não é o fim do mundo,
é um pouco mais tarde
e a existência se dependura cedo nos varais.

Não nos gabaremos do prestígio,
tampouco da indiferença,
tua fragilidade tem os dentes estragados
e o sentimento do mundo,
o poema ouve o que você amou
e o que você deixou para trás
e não se lamenta
e não se regozija,
qual verso assinalado será o teu?

Um amor pode morrer,
uma língua pode morrer,
um poema pode morrer,
não sem antes guardar uma sobrevida

[no quarto alugado
perto dos homens e das mulheres sem qualidades,
o que estariam pensando a raposa e o coelho
[quando corriam?

A mão que escreve a obra-prima
é a mesma mão trêmula que aprendeu o bê-á-bá,
o poema é a garatuja plantada no vaso da sala
que ainda não nasceu.

VENUS BRASILEIRA COUY é poeta e ensaísta. Publicou, entre outros livros, *Nenhum* (7Letras, 2021), *Quase poema* (7Letras, 2020), *Belamimmim* (Edições Magnólia, 2012) e *Fiandeira-flor* (Edição da autora, 2002).